



ANA MARIA CAMPOS
anacampos.df@dabr.com.br

Turnê de Chico Buarque chega em novembro a Brasília

Longe dos palcos desde 2018, quando cumpriu longa temporada com o show *Caravanas*, Chico Buarque está de volta à estrada. No dia 6 de setembro, ele estreia em João Pessoa com um novo espetáculo, intitulado *Que tal um samba?* A turnê, inicialmente, passará por 11 cidades, entre elas Brasília, onde ele se apresentará nos dias 29 e 30 de novembro, tendo como convidada a cantora Mônica Salmaso. *Que tal um samba?* dá nome também à canção composta por Chico, que chega hoje às plataformas digitais. Trata-se de uma composição, de teor político, que remete ao clássico *Apesar de você*, lançado à época dos anos de chumbo. No trecho de um dos versos ele canta: “Para espantar o tempo feio/Para remediar o estrago”.

Choro ou festa

Chico Buarque começa a turnê em pleno período de campanha eleitoral. Em setembro, na estreia de Chico, Jair Bolsonaro e Lula, de quem é amigo e eleitor declarado, estarão no auge do embate, a um mês das eleições. Mas Chico estará em Brasília já com o resultado definido, para chorar ou celebrar.

João Wainer/Divulgação



Abrindo caminho

Com uma eleição encaminhada para o Senado, a deputada Flávia Arruda (PL-DF) nem pensa em concorrer ao Palácio do Buriti. A aposta é consolidar seu nome e disputar o governo mais para a frente. Tem as duas próximas eleições para tentar. Em 2030, ela terá 50 anos.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Basta o clima

Do ex-senador Cristovam Buarque sobre o caso Bruno-Dom: “Os assassinatos políticos raramente recebem ordem direta para serem executados. Basta o clima moral e interesses em comum entre mandantes e executantes”.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Feira do Livro

Começa hoje a 36ª Feira do Livro de Brasília. A cerimônia de abertura será às 18h, no Complexo Cultural da República.



À QUEIMA-ROUPA

DELEGADO SANDRO AVELAR
DIRETOR-EXECUTIVO DA POLÍCIA FEDERAL (PF)

Marcos Serra/CB/D.A Press



O diretor-executivo da Polícia Federal (PF), Sandro Avelar, acompanhou de Brasília todo o trabalho de buscas e investigações sobre o bárbaro crime na Amazônia que resultou na morte do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips. Ele esteve em contato com as famílias das duas vítimas e com as equipes em campo, na região do Vale do Javari, e ontem recebeu os corpos em Brasília para perícia no Instituto Nacional de Criminalística. Avelar entende bem a repercussão mundial pelos assassinatos, uma vez que morou entre 2018 e 2021 em missão como adido da PF em Londres. Mas, em entrevista à coluna, afirma que a PF entrou de imediato na história, antes de qualquer pressão internacional e sustenta que é o momento, sim, de ressaltar o empenho e o sucesso das forças de segurança na elucidação do caso, levando-se em conta a imensidão da Amazônia e sua complexidade. Para Avelar, esse trabalho mostra ao mundo que as instituições funcionam no Brasil.

Como foi possível localizar os corpos de Bruno Pereira e Dom Phillips num local tão inóspito, a três quilômetros mata adentro?

Os corpos foram localizados em razão de um belíssimo trabalho de investigação que rapidamente identificou uma das pessoas que participaram do crime e, por meio dessa pessoa, conseguiu identificar, naquela imensidão, os corpos que jamais seriam encontrados, caso não tivesse uma informação tão precisa.

A Polícia Federal agiu por pressão internacional ou tomou providências imediatas?

Não só a Polícia Federal como também forças componentes da segurança pública do estado do Amazonas e das Forças Armadas atuaram de imediato, de maneira integrada. E coordenadas pela Polícia Federal, nesse formato de força-tarefa, fizeram um trabalho belíssimo. Os resultados apareceram. Muitos não acreditavam que esses corpos um dia poderiam ser localizados e que esse crime pudesse ser esclarecido.

O sucesso dessa missão é algo que se deve a esse esforço conjunto e rápido. Então, não é verdade que esse empenho veio a acontecer a partir de pressões internacionais. Quem fala isso tenta politizar, desviar o foco do excelente trabalho realizado pelos profissionais envolvidos nessa missão.

O crime está solucionado?

O Amarildo, vulgo Pelado, admitiu a participação no crime, ao menos no que toca à ocultação do cadáver. A versão dele está sendo investigada, mas não é a única que está sendo considerada pela Polícia, que trabalha com diversas hipóteses. Agora, que ele efetivamente participou do crime, isso é fato, tanto que ele nos levou até o local onde os corpos estavam enterrados.

Qual foi a participação dos indígenas nas buscas? Como eles ajudaram?

Os indígenas ajudaram de várias maneiras. Ajudaram prestando informações importantes para a identificação das pessoas, ajudaram indo a campo durante as buscas e ajudaram, sobretudo, confiando e participando do trabalho que vinha sendo desenvolvido pelas forças envolvidas na força-tarefa.

Você passou três anos representando o Brasil em Londres como adido da PF. Qual é a imagem que nosso país tem, em termos de segurança, no Reino Unido?

O Reino Unido tem uma visão do Brasil de um país muito violento, até porque a realidade deles é muito diferente. A maior parte das vítimas de crimes violentos no Reino Unido

são vítimas de armas brancas, facas e etc, e em números muito mais baixos, que, para eles, já dá o tom de epidemia. Quando há em Londres, por exemplo, cinco mortes em um mês por faca, a imprensa publica a notícia num tom extremamente alarmista. São realidades muito diferentes. Infelizmente, não é só o Reino Unido que vê o Brasil com esses olhos. O mundo inteiro nos vê assim porque nós efetivamente somos um país muito violento.

Como um crime bárbaro como esse abala a credibilidade do Brasil?

Eu vejo de duas formas: a primeira é o absurdo de um crime como esse. Por razões tão banais perder duas vidas, o que realmente é chocante para o mundo inteiro. A segunda forma de ver é que nós mostramos para o mundo inteiro que aqui as instituições funcionam, o nosso trabalho é sério e raríssimas forças de segurança do mundo, raríssimas polícias do mundo solucionariam esse crime, especialmente em se tratando de uma região cuja imensidão só quem conhece tem noção do que é. Então, o mérito de esclarecer esse crime talvez seja maior e melhor para a credibilidade do país do que o fato em si. Agora isso depende também da maneira como for explorado. Se não houver esse reconhecimento inclusive por parte da imprensa, de que esse trabalho é digno de elogios, que mostra que as forças de segurança pública, assim como outras instituições, estão funcionando, nós mesmos estaremos alimentando perante o mundo inteiro uma imagem negativa do país.

A Polícia Federal está dando assistência às famílias?

A Polícia Federal está dando todo o apoio às famílias, se comunicando com os familiares do Bruno e do Dom, sempre antes que as notícias sejam divulgadas. Também a Embaixada do Brasil em Londres e a do Reino Unido em Brasília estão em contato permanente conosco. Estamos informando pessoalmente às famílias todo o avançar das investigações, inclusive tivemos o cuidado de trazer os corpos para Brasília para fazer os exames o mais rapidamente possível, para tentar de alguma maneira amenizar a dor dessas famílias.

Você é um delegado experiente. Quem mandou matar Bruno e Dom?

Justamente por ser experiente é que não vou me arriscar a dizer quem mandou matar Bruno e Dom ou se alguém mandou matar Bruno e Dom.

Esse crime será um marco para que as autoridades brasileiras assumam o controle da Amazônia há anos tomada por grileiros, garimpeiros, invasores e narcotraficantes?

A questão da Amazônia é muito complexa, não existe solução simples. É um planeta à parte. As soluções são difíceis, porque você precisa ocupar e preservar ao mesmo tempo. É importantíssima a presença do Estado — e nesse aspecto as forças de segurança têm procurado criar uma alternativa com esse trabalho conjunto das polícias do âmbito federal, das forças armadas e das forças estaduais, um novo método de se fazer segurança pública promovido pelo Ministério da Justiça.

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

PANDEMIA / Em entrevista ao *CB.Saúde*, a coordenadora técnica da Sala de Situação da Universidade de Brasília, Marcela Lopes Santos, pontuou a importância de repensar as políticas públicas

Pelo retorno das máscaras

» ANA MARIA POL

Reprodução de TV



Marcela Lopes acredita que é o momento de rever as políticas públicas e conter a contaminação

A quarta onda da covid-19 surge em um momento de relaxamento das medidas de controle, como desobrigação do uso de máscaras, retorno de atividades presenciais e, até mesmo, liberação para eventos. Por isso, especialistas advertem quanto à importância de se repensar as políticas públicas que estão em vigor atualmente. Para falar sobre o assunto, a coordenadora técnica da Sala de Situação da Universidade de Brasília, Marcela Lopes Santos, foi entrevistada pela jornalista Carmen Souza no programa *CB. Saúde* — uma parceria do *Correio* com a TV Brasília — que foi ao ar ontem.

O que está acontecendo nesta nova onda da pandemia?

A gente tem observado não só a entrada dessa nova variante, ômicron, no território brasileiro e no Distrito Federal. O relaxamento das medidas de controle, como desobrigar o uso de máscaras, o retorno das atividades presenciais e todo esse cenário, favoreceu o incremento do número de casos, apesar da maioria ser leve.

A vacinação é suficiente para conter a pandemia?

A vacinação é um dos métodos, mas não garante a ausência de transmissão da doença. Ela impacta diretamente na gravidade dos casos. Uma pessoa vacinada tem a chance de

desenvolver em menor gravidade do que aquele não vacinado. Então o imunizante restringe a transmissão. É importante que as medidas de prevenção sejam mantidas, junto com a vacinação para conseguir controlar, efetivamente, a doença.

Aqueles que não vacinaram estão contribuindo, de que forma, para o surgimento de novas ondas?

A vacinação de reforço considera o tempo de efetividade da vacina e o tempo de imunidade que garante no nosso corpo. Quando nossa defesa

fica mais baixa, tomamos o reforço para que novamente faça o efeito de proteção. As pessoas que não estão tomando as doses de reforço vão estar sujeitas a essa condição. Possivelmente, a chance de o vírus adentrar e causar uma doença mais grave é maior, além de contribuir na transmissão dentro da sociedade.

Então há o risco de surgir novas cepas que voltem a dar altos índices de mortalidade?

Não é uma coisa garantida, é uma espécie de loteria. Mas se houver uma condição em que o vírus consiga se desenvolver de forma mais letal e grave, é possível que uma nova variante seja transmitida e que surjam casos mais graves entre pessoas com a cobertura vacinal reduzida.

Está no momento de repensar as políticas públicas do DF?

Acredito que é o momento de repensar políticas públicas. A quarta onda vem mostrando o aumento dos casos e, nessa situação, o uso das máscaras poderia ter um efeito importante. Acho que já deveríamos estar usando as máscaras de forma obrigatória, novamente, no DF.

De que forma as férias ou esse aumento de mobilidade pode impactar as fronteiras e os aeroportos? O que podemos levar de aprendizado quanto ao controle da mobilidade?

Precisamos monitorar entrada e saída para conseguir acompanhar e evitar a ocorrência de novos surtos, ou situações de risco e crises. Precisamos ter estruturas mais reforçadas para fazer o monitoramento. Temos trabalhado com a Anvisa para elaborar e melhorar ferramentas, garantindo que a gente tenha um padrão.

O mundo também está em alerta para a varíola do macaco, doença que era endêmica na África e, hoje, já começa a ter extensão maiores. O que pode dizer sobre isso?

Ela tem sido encontrada em diversos outros países não originários, muito provavelmente pela mobilidade. Por isso, precisamos monitorar a entrada e saída dentro do nosso território. No Brasil, já temos vacina contra a varíola, que tem eficácia, e temos observado que a maioria dos casos ocorre na Europa, onde as taxas de vacinação eram extremamente baixas. Então pode ser que exista uma relação à baixa cobertura vacinal.